

DISCURSO PARA OS ALUNOS DO CURSO NOTURNO DA FEF/UNICAMP (27/01/2007)

Jocimar Daolio

Ser escolhido para ser patrono de uma turma de formandos é por demais prazeroso. Tenham certeza de que vocês me deixaram muito feliz. Primeiramente porque nesses cinco anos de curso, vocês tiveram contato com várias dezenas de professores, bons professores, e escolheram apenas um como patrono. Isso quer dizer que minhas aulas, lá pelos idos de 2003 e 2004 para grande parte de vocês, ficaram de alguma forma ressaltadas em sua lembrança. Realmente é o que todo professor almeja, já que nossa tarefa docente impõe sempre objetivos de longo prazo. Muitas vezes não lembramos do conteúdo de uma aula de um professor antigo, mas lembramos por toda a vida de alguns professores, ao mesmo tempo em que nos esquecemos rápida e facilmente de outros. Algumas vezes até brigamos e nos contrariamos com alguns professores exigentes, tidos como chatos, mas são esses que nos marcam e não os apenas simpáticos ou os apenas carismáticos.

Estou feliz também por ter o privilégio de poder participar dessa festa de vocês e de seus familiares e de poder ainda falar um pouco com vocês.

Vocês se formam hoje e levam um título de profissional da área de Educação Física conferido por uma das principais universidades brasileiras. Vocês demonstraram grande mérito ao ingressar na

Unicamp num concorrido vestibular que a cada ano deixa muitas pessoas e muitos sonhos de fora. Vocês superaram as dificuldades inerentes ao curso, estudaram, leram muitos textos e livros, prepararam seminários, fizeram a monografia de final de curso, alguns realizaram pesquisas de iniciação científica. Claro, também se divertiram. Participaram de algumas festas, cervejadas, trotes, inter-efes, porque ninguém é de ferro e, além disso, essas coisas são inerentes à juventude e à universidade.

Seus pais batalharam muito para ver hoje vocês formados e estão, sem dúvida, mais felizes que vocês. Não deve ter sido fácil para eles a luta para manter alguns fora de casa durante esses anos, comprar material para o curso e pagar, senão mensalidades durante o tempo universitário, mas mensalidades dos colégios particulares que deram mais chances para vocês ingressarem numa universidade do porte da Unicamp. Seus pais, para não lhes causar culpa ou preocupação, talvez nunca lhes tenham dito, mas sofreram bastante com a ausência de vocês. Ausência que pode não ter sido física, no caso daqueles que moraram com os pais durante o curso, mas ausência pelo fato deles verem vocês crescendo e se libertando das asas familiares, virando gente grande. É o destino dos pais: gerar filhos, criá-los da melhor forma possível, dar condições para eles estudarem e vê-los tomar outros rumos e conduzir a própria vida.

Poderia encerrar meu discurso por aqui, cumprimentando vocês e seus pais e manifestando minha alegria por ser seu patrono. Poderia, talvez, lembrar de algumas passagens pitorescas ou engraçadas ocorridas em nossas aulas. Porém, o professor, por definição, deve ser um provocador, um instigador, um

desestabilizador. Dizia Paulo Freire que o professor deve ver seus alunos não como vasos ou potes a serem preenchidos de saberes, mas como madeira, como lenha, a ser incendiada.

Seguindo o conselho de Paulo Freire, eu perguntaria a vocês, como uma criança inocente muitas vezes faz, ou como um ingênuo representante do senso comum, ou como a singela Macabéa, personagem de Clarice Lispector: MAS PARA QUE SERVE MESMO ESTAR FORMADO?

É com tristeza e frustração que vejo muitos jovens formados por essa mesma UNICAMP tornarem-se médicos famosos, engenheiros competentes, economistas renomados, professores conceituados, cientistas mundialmente conhecidos, alguns deles chegando a ser representantes políticos eleitos, darem as costas à própria Universidade, à própria sociedade brasileira e cuidarem unicamente de suas carreiras, de seus interesses e de seus lucros. Como se a medida do trabalho desenvolvido por uma Universidade Pública pudesse ser a riqueza individual e material de seus ex-alunos. Vemos com freqüência placas em consultórios de médico ou cartões de visita de profissionais com a inscrição “Formado pela Unicamp”. Será que a Unicamp serviu somente para dar status a esses profissionais, status que trará mais clientes que podem pagar altos valores pelos seus serviços profissionais? Me parece pouco.

Essas pessoas se esquecem que a Universidade Pública é mantida com dinheiro de todos os contribuintes, até mesmo daqueles que dificilmente verão seus filhos aqui dentro, porque o direito ao público, nesse país, infelizmente não ocorre da mesma forma para todos.

Essas pessoas se esquecem ou não sabem que somente existe Universidade Pública porque há investimento do poder público para formar uma elite de profissionais capazes de contribuir para a melhoria da sociedade como um todo. Não podemos perder isso de vista, professores, dirigentes, alunos e ex-alunos. Se não for assim, seremos uma universidade que apenas forma bons profissionais, como várias universidades particulares já fazem. A Unicamp e as Universidades Públicas foram criadas para ser mais que isso.

Essas pessoas se esquecem que o Brasil (com S e não o Brazil com Z) é um país com sérios problemas sociais e que a desigualdade social aqui é uma das maiores do mundo. Somos um país pobre, mas o maior problema, maior ainda que a pobreza, é a desproporção imensa em relação à distribuição de renda, que faz com que poucos detenham grande percentual de riqueza e que muitos se debatam com uma pequena parte do bolo. Esse quadro pode gerar uma convulsão social, da qual já temos visto alguns indícios.

Um dado interessante apresentado na imprensa algum tempo atrás apontava que o Brasil é o mais rico entre os países com maior número de pessoas miseráveis, o que mais uma vez reforça que nosso problema mais grave não é a pobreza do país, mas a distribuição de renda entre os brasileiros. Temos ainda neste país milhões de brasileiros vivendo em estado de extrema pobreza. Temos uma multidão de indigentes, mendigos, esfomeados, flagelados, vivendo e dormindo pelas ruas, sem qualquer perspectiva de futuro.

O que nós temos com isso? Talvez alguém considere esse meu discurso deslocado para um dia de festa. Talvez alguém se sinta incomodado. Talvez alguém concorde com o quadro geral, mas ache

que não tem culpa. Não é questão de culpa, mas de compromisso político!

Aliás, a Unicamp seria uma Universidade muito melhor do que é se colocasse seus alunos para fazer estágios obrigatórios em centros de saúde públicos nos bairros pobres da região, em escolas públicas de periferia, em centros esportivos de bairros, enfim, em contato com a população do verdadeiro Brasil, ao invés de permanecermos somente nessa ilha da fantasia que é o campus universitário.

Eu penso que formar-se numa Universidade Pública implica saber que não basta ter tido uma boa formação individual que permitirá ingressar no mercado profissional com boas chances de sucesso individual. É preciso mais. É preciso que os egressos da Universidade Pública tenham adquirido consciência política que os tornem, em suas várias áreas de competência, líderes para a necessária transformação do quadro social brasileiro. Estar hoje formado implica estar consciente que a felicidade individual não basta, é insuficiente, e que ela será muito mais profunda, muito mais duradoura, muito mais conseqüente e muito mais feliz quando puder ser compartilhada por toda a sociedade brasileira.

Estar hoje formado implica também saber que essa consciência política não brota do nada, mas passa por longo e, por vezes, doloroso processo de transformação pessoal. Porque não há nada mais contraditório do que um belo discurso político de transformação acompanhado de atitudes e posturas cotidianas mesquinhas, egoístas e interesseiras. Aí está, meus caros alunos, a difícil tarefa de viver em sociedade de forma decente e conseqüente: conseguir aliar as ações individuais com as intenções coletivas, as relações pessoais

considerando as implicações sociais, os sonhos de cada um e os sonhos de todos.

Numa época em que o mundo passa por sérias crises políticas, com guerras, atentados, bombas e mortes; num momento em que o desenvolvimento tecnológico mundial parece não resolver problemas sociais básicos; numa época em que as condições de vida na Terra correm sérios riscos de deterioração; numa época em que nosso país passa por graves problemas políticos e parece não resolver a questão do desenvolvimento econômico aliado ao desenvolvimento social; enfim... temos que acreditar que podemos mudar esse país. E mais, temos que acreditar que essa transformação passa pela Universidade Pública e pelos seus formandos.

Eu espero sinceramente e torço para que vocês sejam profissionais sintonizados com o seu tempo, hoje e sempre. Espero que vocês coloquem a competência profissional que hoje vocês detêm junto com a competência política necessária. Desejo que os conhecimentos científicos que vocês possuem estejam aliados à dimensão ética, que sejam conhecimentos humanizados e humanizadores. Desejo que vocês não percam jamais a capacidade de indignação diante das injustiças sociais. Desejo também que vocês sejam pessoas sensíveis e delicadas, para entender que política também se faz com boas aulas. Desejo ainda que vocês não deixem nunca de ter dúvidas, para que sempre vocês possam transformar e se transformar. Gostaria, por fim, que vocês mantivessem a chama da utopia, sem a qual o mundo não teria sentido.